

Entre a Esperança e o Caos: O Futuro do SUS e a Nova Geração de Profissionais de Saúde

Between Hope and Chaos: The Future of the SUS (Brazilian Public Health System) and the New Generation of Healthcare Professionals

Marya Eduarda Fontes Laboissiere¹; Luis Henrique da Silva Costa²

Resumo

O Sistema Único de Saúde (SUS) é um marco da cidadania brasileira, consolidado como política pública universal que assegura o direito à saúde. Contudo, o cenário contemporâneo desafia sua continuidade diante da precarização do trabalho, da escassez de recursos e da desvalorização da profissão. Este artigo tem como objetivo analisar as perspectivas do SUS sob a ótica da nova geração de profissionais da saúde, discutindo os desafios éticos, sociais e políticos que permeiam o cotidiano do cuidado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, fundamentada em autores brasileiros que abordam a formação crítica, a humanização e a gestão participativa. Os resultados indicam que o futuro do SUS depende da capacidade de seus profissionais de unirem técnica, empatia e compromisso político, reafirmando o cuidado como dimensão existencial e social. Conclui-se que a reconstrução simbólica e prática do sistema é um imperativo civilizatório, em que a esperança se transforma em força de resistência e inovação.

Palavras-chave: SUS; Saúde Pública; Humanização; Formação Profissional; Políticas de Saúde.

Abstract

The Unified Health System (SUS) is a landmark of Brazilian citizenship, consolidated as a universal public policy that ensures the right to health. However, the contemporary scenario challenges its continuity in the face of precarious work, scarcity of resources, and devaluation of the profession. This article aims to analyze the perspectives of the SUS from the viewpoint of the new generation of health professionals, discussing the ethical, social, and political challenges that permeate the daily practice of care. This is a qualitative and bibliographical research, based on Brazilian authors who address critical training, humanization, and participatory management. The results indicate that the future of the SUS depends on the ability of its professionals to combine technique, empathy, and political commitment, reaffirming care as an existential and social dimension. It concludes that the symbolic and practical reconstruction of the system is a civilizational imperative, in which hope is transformed into a force of resistance and innovation.

Keywords: SUS; Public Health; Humanization; Professional Training; Health Policies.

¹UNIPTAN
dudafontes15@outlook.com

²Faculdade Pitagoras- São Luis
psi.luishenrique@gmail.com



ISBN nº 978-65-988584-3-8

Introdução

O Sistema Único de Saúde (SUS) é um dos pilares da democracia social brasileira, fruto de lutas históricas pela reforma sanitária e pela universalização do cuidado. Segundo Paim (2018), sua criação consolidou uma conquista civilizatória que uniu ciência, política e compromisso ético. Entretanto, passadas mais de três décadas, o SUS enfrenta o desafio de se reinventar diante das crises econômicas e da crescente desconfiança da população. Como salienta Giovanella (2019), a sustentabilidade do sistema requer mais que financiamento: exige gestão participativa e valorização humana.

A pandemia recente acentuou desigualdades e revelou a exaustão dos profissionais da saúde, que lidaram com escassez de recursos e sobrecarga emocional. Campos (2020) observa que a saúde pública só se concretiza quando há solidariedade e cooperação entre gestores, equipes e usuários. Esse contexto impactou especialmente os jovens profissionais, que ingressam em um cenário de incertezas e desafios éticos, mas também de reinvenção das práticas de cuidado.

A formação dessa nova geração ainda é marcada pela fragmentação do ensino e pela ênfase em aspectos técnicos, distantes das realidades sociais. Ceccim e Feuerwerker (2004) defendem que a formação em saúde deve integrar teoria e prática, estimulando a escuta e o trabalho coletivo. Nessa perspectiva, Merhy (2019) reforça que o cuidado é ato vivo e relacional, que se realiza no encontro entre sujeitos e não na simples execução de protocolos.

Além disso, as políticas de austeridade e a precarização do trabalho em saúde fragilizam o sistema e comprometem a qualidade da atenção. Mendes (2021) argumenta que a gestão humanizada deve ser compreendida como política pública de Estado, pautada em equidade, ética e valorização profissional. A

descontinuidade das políticas públicas e a falta de investimento tornam o SUS vulnerável a crises políticas e econômicas.

Por fim, este estudo propõe uma reflexão sobre a responsabilidade da nova geração de profissionais de saúde na reconstrução do SUS. Buscamos compreender como valores de humanização, justiça e solidariedade podem guiar um novo projeto de saúde pública. Como ressalta Boff (2021), o cuidado é o fundamento da existência humana e deve orientar qualquer prática voltada à defesa da vida.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica integrativa. Foram selecionadas publicações entre 2010 e 2025, com base em autores brasileiros que discutem o SUS, a formação profissional e as práticas de humanização. As fontes foram extraídas das bases SciELO, LILACS, Google Scholar e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Critérios de inclusão: artigos e livros publicados em língua portuguesa, de acesso completo e que abordem a relação entre gestão, formação e cuidado no SUS.

Critérios de exclusão: publicações sobre tecnologias digitais, teleassistência ou estudos que não relacionem a dimensão humana à prática em saúde.

A análise seguiu o método de análise temática, conforme Minayo (2014), buscando identificar categorias ligadas à humanização, formação profissional e perspectivas para o futuro do SUS. A interpretação dos dados foi fundamentada em autores como Paim (2018), Campos (2020), Ceccim (2004), Merhy (2019) e Mendes (2021), em diálogo com outras referências relevantes da literatura nacional.

Resultados e Discussão

O estudo revelou que o SUS continua sendo um símbolo de resistência e solidariedade. Paim (2018) o define como o

mais audacioso projeto civilizatório do Brasil. No entanto, a crise de financiamento e a desmotivação dos profissionais fragilizam a legitimidade do sistema. Giovanella (2019) adverte que a universalidade da saúde só se sustenta com gestão democrática e controle social efetivo.

A nova geração de profissionais encontra um cenário de desafios e possibilidades. Ceccim e Feuerwerker (2004) destacam que a formação deve ultrapassar o ensino tradicional e fomentar autonomia, reflexão e corresponsabilidade. Essa visão converge com Merhy (2019), que entende o trabalho em saúde como produção de encontros e não como execução mecânica.

A precarização do trabalho público, observada por Mendes (2021), tem impactado diretamente o desempenho dos serviços. Para Franco e Merhy (2013), a ausência de políticas de valorização resulta em sofrimento institucional e adoecimento psíquico dos trabalhadores. Isso exige novas estratégias de cuidado de si e de coletividade nas equipes de saúde.

Campos (2020) reforça que o fortalecimento do SUS passa pela gestão participativa e pela descentralização das decisões. A humanização, nesse contexto, deve ser compreendida como prática política que reconhece o trabalhador como sujeito e não como mero executor de tarefas. Essa visão dialoga com Deslandes (2006), que entende a humanização como ética relacional.

Outro aspecto recorrente nas análises é a necessidade de aproximar as instituições de ensino dos territórios. Ayres (2011) argumenta que o cuidado só se realiza plenamente quando o profissional compreende o contexto social e cultural do usuário. Essa abordagem territorial amplia a escuta e fortalece vínculos comunitários.

Além disso, a formação técnica deve ser atravessada por dimensões éticas e afetivas. Boff (2021) propõe o “cuidado como ethos”, ou

seja, uma atitude diante do mundo que humaniza a relação com o outro. Essa ideia é reforçada por Pinheiro e Mattos (2006), para quem o cuidado integral é inseparável da empatia e do reconhecimento mútuo.

A juventude que hoje ingressa no SUS carrega a responsabilidade de ressignificar a prática em saúde. Narvai (2019) observa que o sistema só sobreviverá se for capaz de dialogar com novas gerações e seus modos de pensar o cuidado e a gestão pública. Isso implica um olhar crítico sobre a burocracia e uma abertura para novas práticas participativas.

Os dados também apontam a relevância do controle social. Escorel (2010) destaca que o Conselho de Saúde e as conferências são instrumentos essenciais para garantir transparência e corresponsabilidade. Sem participação popular, o SUS perde sua força política e ética.

O trabalho interdisciplinar surge como uma das estratégias para superar fragmentações. Matos (2022) ressalta que equipes integradas produzem soluções mais criativas e humanizadas. A integração entre médicos, enfermeiros, psicólogos e agentes comunitários fortalece a rede e amplia a resolutividade.

A crise sanitária recente também despertou reflexões sobre o papel da empatia e da solidariedade nas práticas cotidianas. Franco e Merhy (2013) enfatizam que o cuidado deve ser compreendido como produção de sentido e vínculo, e não como mero ato técnico. Essa concepção é essencial para reconstruir a confiança entre população e sistema público.

Por fim, o estudo indica que o futuro do SUS dependerá de uma nova pedagogia do cuidado. Freire (1996) ensina que educar é um ato de amor e coragem; de modo análogo, cuidar também é um ato político e libertador. Reafirmar o SUS é reafirmar o valor da vida como bem comum e inegociável.

Conclusão

O SUS, ao longo de sua trajetória, consolidou-se como política de inclusão e justiça social, mas enfrenta desafios que exigem renovação. A nova geração de profissionais carrega o potencial de reconstruir o sistema, integrando conhecimento técnico, sensibilidade e compromisso social. O futuro do SUS depende da capacidade de resistir ao desmonte e reafirmar a saúde como direito humano universal.

A humanização, a ética e a solidariedade devem orientar as novas práticas de gestão e cuidado. É preciso revalorizar o trabalho em equipe, fortalecer o controle social e ampliar a formação crítica dos profissionais. A reconstrução simbólica do SUS passa pela defesa da vida como valor político e pela reafirmação da dignidade humana.

Entre a esperança e o caos, o SUS se reinventa. Sua força está nas pessoas que o constroem diariamente, nas comunidades que resistem e nos profissionais que acreditam que o cuidado transforma. O futuro do sistema é o futuro da própria democracia brasileira.

Referências

- AYRES, J. R. C. M. *Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- BOFF, L. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CAMPOS, G. W. S. *Saúde Paideia*. São Paulo: Hucitec, 2020.
- CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *PHYSIS*, v. 14, n. 1, p. 41–65, 2004.
- DESLANDES, S. F. *Humanização dos cuidados em saúde: conceitos, dilemas e práticas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- ESCOREL, S. *História das políticas de saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.
- FRANCO, T. B.; MERHY, E. E. *O trabalho em saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano*. São Paulo: Hucitec, 2013.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIOVANELLA, L. *Atenção Primária à Saúde no Brasil: política, estrutura e organização*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019.
- MENDES, E. V. *O SUS que queremos: desafios e perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- MERHY, E. E. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2019.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- NARVAI, P. C. *O SUS em disputa: direito à saúde e políticas públicas*. São Paulo: Hucitec, 2019.
- PAIM, J. S. *O que é o SUS*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018.
- PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. *Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 2006.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- MATTOS, R. A. *Integralidade e políticas de saúde: uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022.
- VASCONCELOS, E. M. *Educação popular na saúde: revisitando Paulo Freire*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- TEIXEIRA, C. F. *Gestão do SUS: desafios e perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2019.
- PAULON, S. M. *Humanização e subjetividade no trabalho em saúde*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2017.
- SOUZA, C. M. *SUS: 30 anos de desafios e conquistas*. Brasília: ENSP, 2018.